


CIDADES: UM TRIBUTO

MARCELO LOPES DE SOUZA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

PETRÓPOLIS, JULHO DE 2024



Certa feita, lá pelo final dos anos 1990, deparei com uma pizzeria em uma das nossas capitais, que, orgulhosamente, exibia o seguinte letreiro: “Pizzaria ‘x’” (não lembro o nome dela), “tradição desde...” - sendo que o ano em questão se referia a... três anos antes. Sim, **três** anos.

Nunca me esqueci desse letreiro, que parecia até piada, mas era sério. Em verdade, ele é uma aula de Brasil. Nossas temporalidades são outras, nossas espacialidades são outras: não aquelas vetustas temporalidades europeias, em que o “tradicional” se mede por séculos (mais até do que por décadas), e o “antigo”, não raro, é contado na escala dos milênios. Não aquelas quase enfadonhas espacialidades de muitos locais (não de todos, é claro), em que a população de uma cidade ou de um vilarejo muitas vezes se mantém irritantemente estável, a despeito de tantas pestes, de tantas guerras, de tantas mudanças econômicas. No Brasil, cidades brotam e pulam do zero para milhares de almas em matéria de alguns anos, como na faixa de fronteira; no Brasil, três tenros aninhos configuram, para o dono de uma pizzeria, uma “tradição”.

Há boas razões para isso. Por estas plagas, reina a instabilidade, abundam as ameaças a qualquer coisa que tente se afirmar como duradoura. Na Alemanha, a revista *Erdkunde* foi fundada por Carl Troll em 1947, e existe até hoje; a *Geographische Zeitschrift* é ainda muito mais antiga, existindo desde 1895, quando foi criada por Alfred Hettner; e o que dizer de *Die Erde*, lançada em 1853 por Carl Ritter, sendo, com isso, a revista de Geografia mais antiga do mundo? Diante desses números, as duas décadas de **Cidades** parecem pouco. Não são, contudo.

Sem o devido contexto, nada na vida faz sentido. Nesses vinte anos, sobrevivemos, nós que criamos e ajudamos a manter a revista, ao Outro (neoliberalismo aberto ou disfarçado, bolsonarismo, posturas anticidência, verbas minguentes...) e a nós mesmos (ceticismos, hesitações). Não é incomum que, entre nós, no Brasil, revistas científicas mal ultrapassem a “fase da abertura”, para usar uma metáfora enxadrística: duram poucos anos, se tanto. Seja por escassez de dinheiro, seja por falta de fôlego, seja por empolgação “com data de validade”, muitos são os periódicos que, ou acabam efetivamente, ou sensivelmente declinam, atrasando muito e passando a existir quase que só formalmente. **Cidades** também conheceu momentos difíceis; também sofreu atrasos. Porém, sempre houve um compromisso de um grupo (de composição um pouco variável) de profissionais que se empenharam em mantê-la viva e pujante. Graças a isso, chegamos aos vinte anos de uma mocidade já repleta de maturidade. À luz do que tivemos de superar, em um país que definitivamente não é para principiantes, seus vinte anos valem pelo dobro ou pelo triplo. Isso, por si só, é uma conquista. Mas, por óbvio, não é a única.

Cidades, nesses vinte anos, tem dado uma baita contribuição para pensar a cidade, as cidades, o urbano, a urbanização. De um ponto de vista fundamentalmente geográfico, mas para além da Geografia. A complexidade desse “ser cidade” e desse “estar na cidade” - ou, mais amplamente, “ser urbano” e “estar no urbano” - fo captada, há quase meio século, pelo *Poema Sujo* de um grande poeta maranhense:

*a cidade está no homem
mas não da mesma maneira
que um pássaro está numa árvore
não da mesma maneira que um pássaro
(a imagem dele)
está/va na água
e nem da mesma maneira
que o susto do pássaro
está no pássaro que eu escrevo*



*a cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa*

*cada coisa está em outra
de sua própria maneira
e de maneira distinta
de como está em si mesma*

*a cidade não está no homem
do mesmo modo que em suas
quitandas praças e ruas*

Incontáveis vezes li e reli essa passagem, com a qual Ferreira Gullar encerra seu marcante poema. Gostaria, em nome da estética, de encerrar este tributo com ele. Gostaria, mas não posso. Em nome do rigor, seguramente embebido em esperança e otimismo, me atrevo a desejar que, nos próximos vinte anos, outras dimensões da cidade e do urbano, até agora pouco exploradas (por serem, quiçá, menosprezadas?...), mereçam maior atenção.

Que possamos, enfim, assimilar que nas cidades há intempéries, desastres, poluição, ilhas de calor, fauna e flora urbanas. Que possamos perceber que o sítio urbano e os processos geobiwofísicos se entrelaçam com a produção social do espaço, gerando as formas espaciais e as dinâmicas que observamos e nos influenciam. Que possamos ir além da cidade e do próprio urbano (e do excessivo “urbanocentrismo”), abraçando a miríade de existências, resistências e r-existências irreduzíveis à cidade e ao próprio urbano: indígenas, ribeirinhos, quilombolas, camponeses, geraizeiros, barrageiros, faxinalenses, caiçaras... Que possamos, por fim, e com a ajuda talvez desses outros atores, repensar e redescobrir os próprios dilemas dos trabalhadores urbanos -“formais” e “informais”-, estejam onde estiverem, submetidos a perigos novos ou renovados nestes tempos confusos e difíceis que vivemos.

**São os meus sinceros votos,
com carinho e gratidão** ■